

RICHARD RORTY E A LITERATURA

RICHARD RORTY AND LITERATURE

Ivanaldo Santos
Doutor em Estudos da Linguagem
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
(ivanaldosantos@yahoo.com.br)

RESUMO: O objetivo desse estudo é apresentar a perspectiva defendida pelo pensador neopragmático Richard Rorty sobre a literatura, qual seja a de que é preciso dar preferência às ações práticas em detrimento da literatura. Para tanto, o estudo foi dividido em duas partes: 1) Rorty e a literatura, 2) Milan Kundera interpretado por Richard Rorty. Na primeira parte, são apresentados os conceitos de Cultura-2 (C-2) e de Racionalidade-3 (R-3), conceitos importantes para compreender Rorty. Além disso, demonstra-se que, para ele, é preciso haver a preferência pelas ações práticas em detrimento da literatura. Na segunda parte, apresenta-se a interpretação de Rorty sobre o livro **A insustentável leveza do ser**, de Milan Kundera. Para Rorty, apesar de Kundera ter construído uma inovadora metáfora da cultura contemporânea, ele não consegue, de um lado, romper com a metafísica clássica e, de outro lado, não aponta soluções práticas para os problemas cotidianos. Conclui-se, afirmando que, para Rorty, a literatura é uma ferramenta cultural sofisticada e necessária à vida cultural do homem moderno. Todavia, se o homem deseja construir mudanças sociais, inclusive realizar o combate às diversas tiranias culturais, é preciso ir além da pura literatura e adentrar no universo da prática e da ação social.

Palavras-chave: Rorty; Literatura; Prática; Cultura

ABSTRACT: This work aims to present the perspective advocated by the neopragmatic philosopher Richard Rorty about literature, who argues that it is necessary to give preference to practical actions rather than literature. Thus, the study was divided into two parts: 1) Rorty and literature, 2) Milan Kundera interpreted by Richard Rorty. The first part presents the concepts of culture-2 (C-2) and Rationality-3 (R-3). Important concepts to understand Rorty. Moreover, it is shown that, for him, there must be a preference for practical actions to the detriment of literature. The second part presents Rorty's interpretation of the book *The Unbearable Lightness of Being*, by Milan Kundera. For Rorty, although Kundera has built an innovative metaphor of contemporary culture, he can not, on one hand, break with traditional metaphysics, and, on the other hand, shows no practical solutions to everyday problems. We conclude by stating that, for Rorty, literature is a sophisticated cultural tool and necessary to modern man's cultural life. However, if the man wants to build social changes, including the fight to hold various cultural tyrannies, it is extremely necessary to go beyond pure literature and enter into the world of practice and social action.

Keywords: Rorty; Literature; Practice; Culture

Considerações iniciais

Richard Rorty (1931–2007) foi um dos pensadores norte-americanos mais representativos do movimento filosófico conhecido como neopragmatismo, que teve seu apogeu na segunda metade do século XX. O centro do pensamento de Rorty é a proposta de haver um “retorno a Dewey” (2005, p. 40). Para ele, as sociedades

contemporâneas devem buscar vivenciar a tese defendida pelo pensador pragmático John Dewey. Essa tese consiste na afirmativa de que o homem contemporâneo deve buscar a solução dos problemas que lhe angustiam, de forma prática, ou seja, sem fazer uso da metafísica clássica ou de idealismos políticos e religiosos, e procurando, ao mesmo tempo, ampliar os espaços de convivência mútua entre culturas diferentes.

A síntese do neopragmatismo defendido por Rorty é que “como bons pragmatistas [...] é preciso sermos simplesmente seres felizes e livres, vivendo vidas mais ricas do que a dos habitantes das comunidades humanas anteriores” (2005, p. 89). Por causa disso, ele constrói o conceito de **meme**, a “contraparte cultural de gene [...] o triunfo de uma cultura sobre outra” (2005, p. 84). Para ele, a experiência pragmática, ou seja, viver vidas mais ricas do que a dos habitantes das comunidades humanas anteriores, fatalmente levará à extinção de culturas primitivas fundamentadas na violência ou em algum padrão abstrato de pensamento, como, por exemplo, as utopias filosóficas, políticas e religiosas. Essa extinção é um fator evolutivo normal dentro do processo de aperfeiçoamento cultural da raça humana.

É por causa disso que ele descarta o envolvimento do ser humano com qualquer forma de idealismo político e religioso. Para Rorty, grande parte dos problemas que o homem historicamente enfrenta (guerras, fome, etc.) é causada por esses idealismos. Ele propõe que o homem abandone qualquer forma de idealismo e se dedique, de forma integral, ao universo da prática social e cultural. Essa dedicação terá como consequência a ampliação da riqueza e da felicidade individual e social.

Não se tem a intenção de realizar, nesse pequeno estudo, uma análise aprofundada do neopragmatismo de Richard Rorty; pelo contrário, tenciona-se algo bem mais simples, que é apresentar as ideias desse pensador norte-americano sobre a literatura, o qual defende a tese de que é preciso dar preferência às ações práticas em detrimento da literatura. Para tanto, o estudo foi dividido em duas partes: Rorty e a literatura e Milan Kundera interpretado por Richard Rorty.

Rorty e a literatura

Inicialmente, é preciso apresentar um conjunto de conceitos desenvolvidos por Rorty, os quais são necessários, para poder se compreender a discussão travada por esse pensador sobre a literatura. Estes conceitos são o de Racionalidade-1 (R-1), Racionalidade-2 (R-2), Racionalidade-3 (R-3), Cultura-1 (C-1), Cultura-2 (C-2) e Cultura-3 (C-3).

Por Racionalidade-1 (R-1), Rorty entende a “habilidade de enfrentar o meio ambiente, ajustando suas reações aos estímulos deste, de modos complexos e delicados” (2005, p. 77). Para ele, R-1 é a razão técnica e, algumas vezes, a capacidade de sobrevivência.

Para Rorty, a Racionalidade-2 (R-2) é uma racionalidade que “estabelece uma hierarquia avaliativa” (2005, p. 78), por meio da R-2 o ser humano consegue construir e distinguir entre tipos diferentes e até mesmo superiores de técnica e de vida social.

A Racionalidade-3 (R-3) é “sinônimo de tolerância – a habilidade de não ficar demasiado desconcertado diante do que é diferente de si, a capacidade de não responder agressivamente a essas diferenças” (RORTY, 2005, p. 78), ou seja, é a capacidade que os indivíduos e as comunidades possuem de coexistirem pacificamente uns com os outros e aceitarem as múltiplas e mútuas diferenças.

Por Cultura-1 (C-1), Rorty entende a habilidade que o ser humano possui de se adequar ao meio ambiente. Neste sentido, a “cultura-1 assemelha-se à racionalidade-1” (2005, p. 80).

Já por Cultura-2 (C-2), ele entende os níveis mais elevados de conhecimentos criados pelo homem. Entre esses níveis, é possível citar “tipos amplamente diversos de pintura, música, arquitetura e literatura” (2005, p. 81).

E, por Cultura-3 (C-3), o autor entende a “superação da base animal e irracional por algo universalmente humano” (2005, p. 81), ou seja, C-3 são os valores que, de alguma forma, todos os seres humanos reconhecem como importantes como, por exemplo, a vida em comunidade e a liberdade.

Rorty realiza uma série de reflexões sobre as múltiplas relações existentes entre R-1, R-2, R-3, C-1, C-2 e C-3. Entretanto, ele deixa claro que, dentro das atuais ambições do ser humano – ambições que incluem um aumento da

democracia, da liberdade de expressão e da tolerância à diferença cultural – é preciso haver um contínuo aumento de C-2 e de R-3. Ele justifica esse ponto de vista, usando o argumento de que, nas sociedades modernas, C-2 é “frequentemente associada à racionalidade-3” (2005, p. 81). Para ele, dentro das sociedades modernas o ideal é que haja um aumento de C-2 juntamente com R-3.

Para a realização desse estudo, todavia, a única reflexão que interessa é a relação que aborda a problemática da literatura. E, no tocante à literatura, Rorty defende a tese de que, do ponto de vista estritamente neopragmático, é necessário ter a “preferência por específicos compromissos concretos em prejuízo de amplas sínteses teóricas” (2005, p. 99). Entenda-se a expressão **sínteses teóricas** como sendo toda a produção teórica humana, incluindo a literatura. E, por este motivo, Rorty argumenta que entre a especulação teórica realizada pela literatura e as ações práticas, é preferível deter-se diante das ações em detrimento da literatura. Isto é necessário, porque, assim, será possível que o meme de uma cultura primitiva seja superado pelo meme de uma cultura superior. Dessa forma, a evolução cultural – que possibilitou que a raça humana deixasse de ser uma simples raça de caçadores e coletores de frutas e se transformasse na raça dominante na terra – continuará seu curso, conduzindo o homem a estágios cada vez mais sofisticados de civilização, de aprimoramento técnico e de convívio social.

Para Rorty, é preciso compreender a expressão **literatura** como sendo toda a produção teórico-cultural do ser humano, que envolve, desde a literatura, no sentido clássico do termo, ou seja, a produção de textos ficcionais, até a produção de textos teórico-científicos sobre questões sócio-culturais. Ele (2005, p. 98) dá quatro exemplos do que classifica como literatura. O primeiro é o ensaísta e autor de ficção, o britânico de origem indiana, Ahmed Salman Rushdie, autor de obras como: *Midnight's Children* (**Os Filhos da Meia-Noite**), publicado em 1980, *The Satanic Verses* (**Versos satânicos**), publicado em 1989, *East, West* (**Oriente, Ocidente**), publicado em 1994. O segundo é o escritor britânico, nascido em Trinidad e Tobago, Vidiadhar Surajprasad Naipaul, autor de: **Entre os fieis**, publicado em 1981, o **Enigma da Chegada**, publicado em 1987, e **Além da fé**, publicado em 1998. O terceiro é o escritor britânico de origem japonesa, Kazuo Ishiguro, autor de livros como: **Uma pálida visão dos montes**, publicado em 1982, **Um artista do mundo flutuante**, publicado em 1986, e **Não me abandone jamais**, publicado em 2005. O

quarto e último exemplo é a crítica cultural e professora da *Columbia University* nos EUA, Gayatri Chakravorty Spivak. Ela traduziu para o inglês a **Gramatologia** do pensador francês Jacques Derrida, um dos livros que fundamenta o neopragmatismo. Além disso, publicou, em 1990, o livro *The Post-Colonial Critic (Crítica do pós-colonialismo)*, uma crítica cultural, que causou grande repercussão nos estudos culturais sobre o pós-colonialismo nos EUA e na Europa. Por estes quatro exemplos, percebe-se que o conceito de **literatura** de Rorty é bem elástico, vai desde a ficção até a análise acadêmica sobre a cultura e a vida social.

Em hipótese alguma, Rorty está defendendo o fim da literatura ou afirmando que a mesma é uma produção cultural inferior. Na perspectiva estritamente neopragmática rortyana, as pessoas são livres para escolher, produzir e conviver com os mais variados modelos e propostas literárias. Além disso, ele deixa claro que a literatura está contida dentro do espaço de C-2, logo é um dos mais elevados níveis de produção cultural que o homem é capaz de construir. Entretanto, a discussão desenvolvida por ele é que, se é verdade que, dentro das atuais ambições do ser humano, é preciso haver um contínuo aumento de C-2 e de R-3, então, para isso acontecer, é preciso haver a preferência pelas ações práticas em detrimento da literatura.

Entretanto, é preciso frisar que Rorty não está apresentando uma proposta de engajamento político por meio da literatura, tal qual é defendida por Leon Trotski, em **Literatura e revolução** (1980). Esse pensador defende a proposta da literatura ser uma ferramenta para impulsionar a revolução socialista. Para Rorty (2005, p. 35), a proposta de Trotski tem dois sérios problemas. Primeiro, transforma a literatura em uma expressão cultural puramente publicitária, a serviço da ideologia socialista. Com isso, a função da literatura é unicamente fazer propaganda do socialismo e, por conseguinte, ela perde sua autonomia. Segundo, a literatura transforma-se em uma vendedora de ilusões, que prega a construção de uma sociedade paradisíaca nos moldes do paraíso bíblico. Para Rorty, o problema é que na, proposta de Trotski, os traumas, problemas e conflitos sociais são amenizados ou até mesmo ignorados, e, com isso, o ser humano é alienado da sua própria condição social. Em síntese: a proposta de Trotski é incompatível com a tese defendida pelo neopragmatismo de Rorty.

Para melhor visualização e compreensão da proposta de Rorty sobre a literatura, será analisada a obra **A insustentável leveza do ser**, de Milan Kundera.

Milan Kundera interpretado por Richard Rorty

Inicialmente, é preciso esclarecer que a escolha de Milan Kundera não se deu por acaso. Richard Rorty vê, na obra deste autor, a presença das ideias defendidas pelo neopragmatismo. Para ele, a obra de Kundera é uma síntese literária de um dos axiomas do neopragmatismo, ou seja, o princípio de que “todos têm o direito de ser compreendidos” (2005, p. 51). Além disso, Rorty afirma que Milan Kundera descreveu em sua obra uma utopia impregnada pela Racionalidade-3 (R-3) como sendo o paraíso dos indivíduos imaginados pelo romance europeu contemporâneo (RORTY, 1991a) e que esse paraíso é uma “colagem intrinsecamente tecida de narcisismo privado e pragmatismo público” (RORTY, 1991b, p. 204). A união desse narcisismo individual e pragmatismo público é a essência do neopragmatismo da segunda metade do século XX.

Para a realização de uma análise, a partir da perspectiva de Rorty sobre a literatura, foi escolhido o livro principal de Milan Kundera, **A insustentável leveza do ser**. O motivo dessa escolha é o fato de o próprio Rorty apresentar essa obra como exemplo da construção de uma literatura ficcional, alicerçada em princípios neopragmáticos.

Esse livro é um dos clássicos da literatura ocidental produzidos na segunda metade do século XX. Nele, há dois casais que constituem o epicentro dos acontecimentos narrados: Tomás-Tereza e Sabrina-Franz. A ideia central do livro é que, num mundo em que as vidas são condicionadas por escolhas irrevogáveis e por acontecimentos gratuitos gerados pelo acaso, a existência perde seu peso, ou seja, torna-se “mais leve que uma pluma, já não provoca medo” (KUNDERA, 1985, p. 9). Kundera (1985, p. 10-11; 65; 98; 131; 225) fundamenta essa ideia no princípio do eterno retorno, defendido pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, o qual afirma que o ser humano deve sempre pensar em seus atos, porque uma ação praticada no presente, no futuro pode se repetir indefinidamente.

A obra **A insustentável leveza do ser** foi responsável por grandes debates no cenário cultural internacional. De um lado, ela foi um dos elementos responsáveis pelo Ocidente ter tomado consciência das atrocidades praticadas pelo

exército russo na Tchecoslováquia¹, durante a invasão a esse país, em 1968, e também influenciou o movimento de contestação estudantil, de maio de 1968, em Paris, na França (ROMÃO, 2008, p. 193). Do outro lado, ajudou a compreender a significação das palavras dentro do contexto de uso dos discursos (PINTO, 2001, p. 380).

É possível dividir o plano literário de construção do livro em duas grandes partes: a) A literatura como metáfora da cultura ocidental contemporânea (KUNDERA, 1985, p. 16) e b) A invasão da Tchecoslováquia pelo exército russo, em 1968 (KUNDERA, 1985, p. 72-73). Essas partes não são didáticas, pelo contrário, misturam-se ao longo do livro, por isso, o leitor necessita ter muito cuidado para não se perder dentro da intertextualidade e do interdiscurso existentes nessa obra.

A primeira parte do plano literário de construção do livro, a literatura como metáfora da cultura ocidental contemporânea, é apresentada por meio de dez problemas:

- 1) O divórcio e o problema da guarda dos filhos (KUNDERA, 1985, p. 17).
- 2) O amor livre, no qual existe “uma relação isenta de sentimentalismo, em que nenhum dos parceiros se arrogue direitos sobre a vida e a liberdade do outro” (KUNDERA, 1985, p. 18).
- 3) Fantasias sexuais (KUNDERA, 1985, p. 21; 67-68; 90-91).
- 4) A nova poligamia (KUNDERA, 1985, p. 22; 68).

¹ Ao final da segunda guerra mundial (1939-1945) o exército socialista da Rússia – mais conhecido como exército vermelho – ocupou, militarmente, a região da República Tcheca e da Eslováquia, criando, com isso, a Federação Tchecoslováquia, mais conhecida como Tchecoslováquia. Nesta região a Rússia impôs o socialismo como regime político e de governo. Na Tchecoslováquia, os primeiros questionamentos ao socialismo deram-se, durante a década de 1960, especialmente com a Primavera de Praga, em 1968. Entretanto, apenas com a Revolução Veelveet, em 1989, a Tchecoslováquia consegue sua plena autonomia diante da Rússia e rompe com o regime socialista. Em 1º de janeiro de 1993, a Federação Tchecoslováquia foi dividida em dois países independentes: República da Eslováquia, que compreende a região oriental da antiga Tchecoslováquia, sua capital é Bratislava, e a República Tcheca, que corresponde à porção ocidental do antigo país, cuja capital é Praga. A formação desses dois países, em 1993, foi o resultado de um processo de dissolução consensual e pacífico.

5) O casamento como privação da liberdade (KUNDERA, 1985, p. 36; 77) e como um drama cômico contemporâneo (KUNDERA, 1985, p. 120; 277).

6) O encantamento hipnótico que a cidade de New York, nos EUA, considerada a capital cultural do mundo, exerce sobre a classe média (KUNDERA, 1985, p. 106-107).

7) As sociedades ricas e a futilidade da cultura universitária contemporânea (KUNDERA, 1985, p. 108-109).

8) A juventude alienada, a qual “detesta que se fale em política” (KUNDERA, 1985, p. 112).

9) O individualismo, apresentado no livro como sendo o “paraíso pessoal” (KUNDERA, 1985, p. 239).

10) O distanciamento do escritor, ou seja, Milan Kundera se distancia de seus personagens e, por conseguinte, realiza uma aproximação com o leitor. Esse processo fica patente na seguinte passagem do livro:

Os personagens de meu romance são minhas próprias possibilidades que não foram realizadas. É o que me faz amá-los todos e temê-los ao mesmo tempo. Uns e outros atravessaram a fronteira que apenas me limitei a contornar. O que me atrai é essa fronteira que eles ultrapassaram (fronteira para além da qual termina o meu eu). Do outro lado começa o mistério que meu romance interroga. O romance não é uma confissão do autor, mas uma exploração do que é a vida humana, na armadilha em que se transformou o mundo (KUNDERA, 1985, p. 222).

Nesta passagem do livro, o escritor Milan Kundera dialoga abertamente com o leitor. Não há um personagem que fala por meio do escritor, é ele mesmo que, de certa forma, rompendo com as fronteiras clássicas da ficção literária, toma um distanciamento do personagem e vai dialogar diretamente com o leitor. Dessa forma, é possível vislumbrar um diálogo entre o escritor, Milan Kundera, e o leitor.

Já a segunda parte do plano literário de construção do livro, ou seja, a invasão da Tchecoslováquia pelo exército russo, em 1968, é apresentada por meio de onze narrativas históricas:

1) A invasão da Tchecoslováquia pelo exército socialista russo, a qual foi iniciada no dia 5 de abril de 1968 (KUNDERA, 1985, p. 30).

2) A prisão de Alexander Dubcek, líder da Primavera de Praga (KUNDERA, 1985, p. 32). A Primavera de Praga foi um movimento cultural e político que tinha como objetivo estabelecer a democracia e a liberdade individual na Tchecoslováquia que, naquele momento histórico, vivia sob a dominação do regime socialista russo. A antiga União Soviética não aceitou os ideais desse movimento e determinou a invasão militar desse país.

3) A alienação da maioria da população civil diante da invasão militar russa, pois essa população pensava que “com seus blindados, os russos tinham lhe trazido a harmonia” (KUNDERA, 1985, p. 32).

4) A vida nos países socialistas. Kundera descreve essa vida da seguinte forma:

Nos países comunistas, a inspeção e o controle dos cidadãos são atividades sociais essenciais e permanentes. [...]. Só importa uma coisa, aquilo que se chama ‘o perfil político do cidadão’ (aquilo que o cidadão diz, pensa, como ele se comporta, se participa ou não dos desfiles do 1º de maio). Tendo em vista que tudo (a vida cotidiana, a promoção [no emprego] e as férias) depende da maneira como a pessoa é julgada, todo mundo é obrigado (para jogar futebol no time oficial, para fazer uma exposição [de arte] ou passar férias) a se comportar de maneira a ser bem julgado (KUNDERA, 1985, p. 101-102).

Milan Kundera apresenta um quadro assustador da vida cotidiana dentro dos países socialistas. Segundo ele, nestes países, a preocupação do Estado é controlar a vida privada e o pensamento dos cidadãos. Toda a vida social gira em torno dessa preocupação. Não existe qualquer interesse com o bem-estar dos cidadãos, apenas com a obediência que os mesmos devem ter para com as autoridades e o regime político.

- 5) A repressão do exército russo que aconteceu até mesmo dentro da Escola de Belas-Artes da Tchecoslováquia (KUNDERA, 1985, p. 69).
- 6) A transformação da Tchecoslováquia após a invasão russa em um grande campo de concentração (KUNDERA, 1985, p. 140-141).
- 7) O fuzilamento dos opositores do regime socialista implantado na Tchecoslováquia (KUNDERA, 1985, p. 152), como, por exemplo, intelectuais tchecos de projeção internacional como Jan Prochazka e Frantisek Hrubine (KUNDERA, 1985, p. 230).
- 8) A resistência pacífica da população, especialmente dos jovens, aos tanques russos (KUNDERA, 1985, p. 168).
- 9) A paranoia que se instalou na Tchecoslováquia, após a invasão, ou seja, o medo que os cidadãos desse país passaram a ter de estarem sendo vigiados pelo serviço secreto russo (KUNDERA, 1985, p. 169).
- 10) A falta de liberdade de expressão e a perseguição aos jornalistas (KUNDERA, 1985, p. 180).
- 11) A perseguição aos profissionais liberais e, por conseguinte, a emigração maciça desses profissionais para países do Ocidente, especialmente a França, Suíça e os EUA (KUNDERA, 1985, p. 186).

Richard Rorty admira e, até mesmo, incentiva o plano de construção literária desenvolvido por Milan Kundera em **A insustentável leveza do ser**. Para ele, uma das funções da literatura, enquanto elemento que compõe C-2, é ser uma metáfora da cultura e, ao mesmo tempo, denunciar as diversas opressões e autoritarismos políticos presentes na vida social. Entretanto, Rorty vê dois sérios problemas em **A insustentável leveza do ser**.

O primeiro problema é que, nesse livro, Milan Kundera não conseguiu abandonar totalmente a metafísica clássica, oriunda dos gregos antigos. Rorty aponta, então, dois níveis da presença de problemas metafísicos neste livro.

Primeiro, os problemas metafísicos clássicos como, por exemplo, a fronteira entre o bem e o mal (KUNDERA, 1985, p. 219), o problema de Deus (KUNDERA, 1985, p. 246-247) e a discussão sobre o ser em si (KUNDERA, 1985, p. 251; 259). Para ele, esses problemas ou foram resolvidos ou, então, foram abandonados pelo pensamento contemporâneo. Eles foram substituídos por outros problemas como, por exemplo, a linguagem, a economia, a inteligência artificial e outros. Segundo, o moderno problema metafísico chamado **mente** (KUNDERA, 1985, p. 200). Para Rorty, a mente é apenas – e somente isto – o substituto moderno dos problemas metafísicos clássicos. No livro **A filosofia e o espelho da natureza** (1988), ele é enfático ao defender a tese de que a mente não existe, o que existe são relações neurais e biológicas no cérebro humano, e nada mais. Em **Pragmatismo e política** (2005, p. 41), Rorty afirma que a discussão travada em **A filosofia e o espelho da natureza** foi o início de sua perspectiva neopragmática. É necessário esclarecer que ele não é contra a filosofia – entenda-se **filosofia** enquanto metafísica. Para ele, a filosofia não é um saber inútil, ela é “socialmente útil” (2005, p. 50), porque possui uma função social, pois possibilita a revisão das ideias. Entretanto, não se deve imaginar que a filosofia seja um saber capaz de resolver problemas práticos da vida cotidiana. Para resolver problemas dessa dimensão, é preciso da ajuda da economia, da engenharia, da sociologia e de outros saberes produzidos pela sociedade moderna. Para Rorty, neste contexto, a literatura não é um saber capaz de conduzir a um aumento significativo de C-2 e de R-3.

E esta discussão abre espaço para o segundo problema que Rorty vê em **A insustentável leveza do ser**, qual seja: dimensão da atividade prática que a relação C-2 e R-3 exige dos indivíduos. Rorty (2005, p. 98-99) é enfático ao afirmar que apenas a dimensão prática poderá conduzir o homem a evoluir culturalmente e, com isso, superar as diversas formas de culturas violentas e presas a abstrações políticas e religiosas. Para ele, escrever livros sobre temas culturais ou de opressão política – como o fez Milan Kundera – é útil para provocar e, até mesmo, esclarecer a consciência dos indivíduos. Entretanto, a pura literatura, ou seja, apenas escrever e publicar livros não transformará a realidade e, por conseguinte, não haverá o

aumento significativo de C-2 e de R-3. Isso só será possível por meio dos compromissos concretos, isto é, da prática concreta dos indivíduos e das comunidades culturais. Para Rorty, a literatura é uma forma de refletir e de comentar a realidade social. Todavia, para mudar essa realidade e melhorá-la, é preciso haver a dimensão da prática, das ações concretas, dentro da vida social.

Um pequeno mais significativo exemplo da perspectiva de Rorty sobre a literatura é encontrado na própria obra de Milan Kundera, **A insustentável leveza do ser**. Nesse livro, há um trecho onde é narrada uma reunião de artistas tchecos (pintores, poetas, romancistas, etc.) que emigraram para a Suíça, após a invasão russa em 1968. A reunião acontecia num bar e tinha por tema discutir a ocupação militar da Tchecoslováquia pelo exército russo e, por conseguinte, a situação política vivida por esse país após a invasão.

A reunião estava muito acalorada, com vários debates sendo travados, inclusive com a discussão sobre se os artistas deveriam ou não ter lutado com armas de fogo contra a invasão do exército russo, quando um senhor idoso, que não participava da reunião – era apenas um frequentador do bar – levantou o dedo e disse: “Vocês todos têm uma responsabilidade pelo que aconteceu. [...]. O que é que faziam contra o regime comunista no país? Pintura. Só isso...” (KUNDERA, 1985, p. 101).

Para Rorty, não basta apenas fazer literatura, pintura ou qualquer outra expressão cultural. Se os indivíduos, incluindo a classe artística, desejam mudar a realidade social e, com isso, tornar a vida mais feliz, é preciso ir além da pura literatura. É preciso gestos concretos e reais: sair às ruas, protestar, gritar, fazer greves, enfim lutar por meio de todas as formas práticas contra as tiranias políticas e culturais. E essa luta pode, até mesmo, conduzir o indivíduo a perder sua própria vida.

Considerações finais

Para Rorty, o aperfeiçoamento cultural só é possível por meio da luta prática, da manifestação concreta de desagrado por parte dos indivíduos. Apenas fazer literatura é bom, mas não muda a realidade social.

Entretanto, é preciso frisar que, para Rorty, a literatura é uma ferramenta cultural sofisticada e necessária à vida cultural do homem moderno. Todavia, se este

homem deseja construir mudanças sociais, inclusive realizar o combate às diversas tiranias culturais, é preciso ir além da pura literatura e adentrar no universo da prática e da ação social.

Por fim, é preciso deixar claro que este estudo não esgota a discussão sobre a perspectiva de Richard Rorty sobre a literatura. Essa é uma discussão aberta, que poderá trazer novas possibilidades de interpretar a relação entre a literatura e a cultura.

Referências

KUNDERA, M. **A insustentável leveza do ser**. 23 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

PINTO, A. G. Contexto e significação: uma reflexão em torno de **A insustentável leveza do ser** de Milan Kundera. In: **Línguas e Literatura**, Porto, XVIII, 2001, p. 379-394.

ROMÃO, J. E. Os frutos de maio de 1968: o grito dos silenciados. In: **RHELA**, Vol. 11, Ano 2008, p. 189-204.

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

_____. Heidegger, Kundera and Dickens. In: **Essays on Heidegger and others**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991a.

_____. **Objectivity, relativism and truth**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991b.

_____. **Pragmatismo e política**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TROTSKI, L. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.